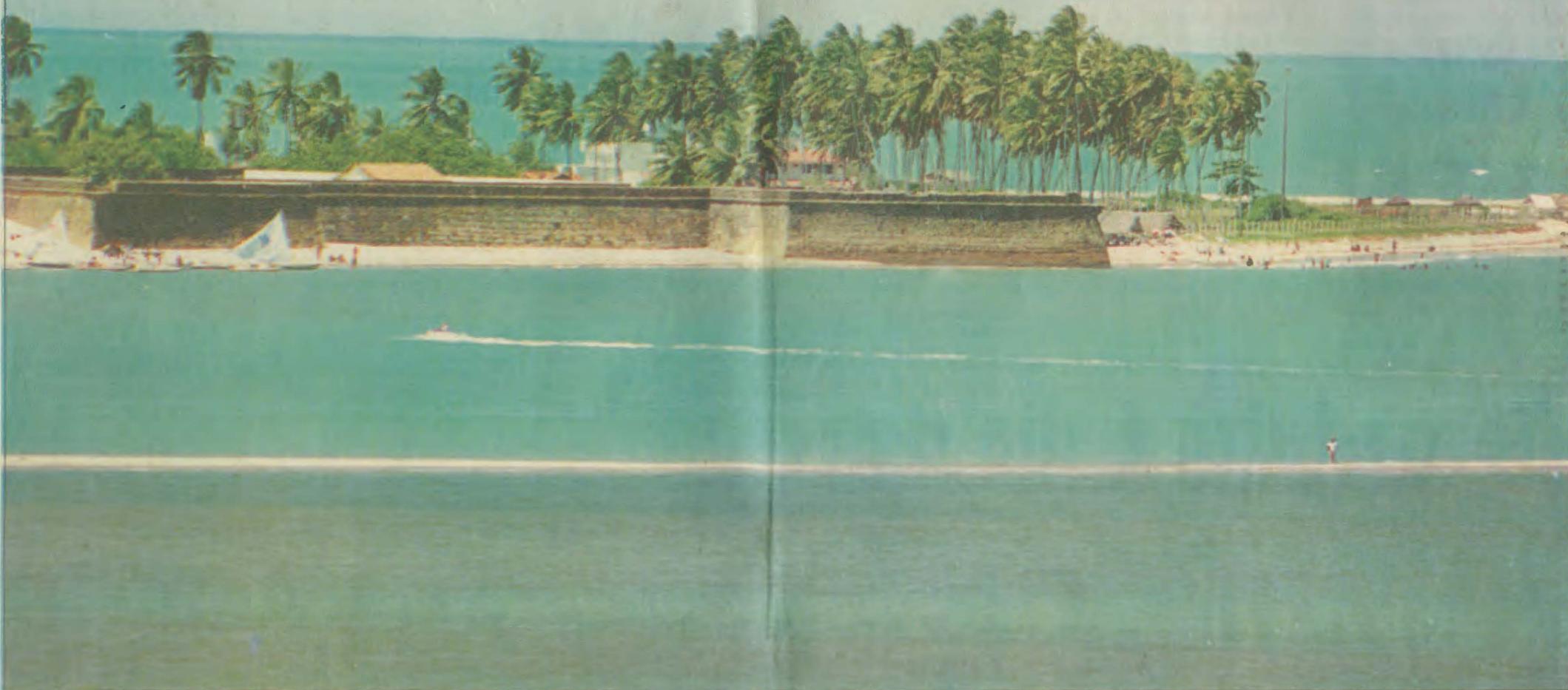


Novas descobertas no forte

Patrimônio de Itamaracá, Forte Orange incentiva o turismo no município



Um forte holandês de terra foi achado dentro de um forte português de pedra, junto com cerca de 400 mil artefatos. Trata-se da maior pesquisa arqueológica já feita em um forte no Brasil, realizada pela equipe de Marcos Albuquerque, da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), no Forte de Orange, em Itamaracá, a 47 km a norte de Recife. O forte foi criado pelos holandeses depois que tomaram Itamaracá em 1631. A pesquisa arqueológica foi financiada pelos governos do Brasil e Holanda.

Assim como a fortaleza de São José de Macapá, o forte de Orange tinha e tem a forma quadrada com quatro baluartes nos cantos. Foram achados milhares de cachimbos e de pedaços de cerâmica, além de armas, munições e esqueletos. Na capela do forte, foi achado o corpo de um oficial, provavelmente português (era católico, estava com um rosário no peito), com 1,80 metro - sem dúvida, uma raridade, pois os portugueses da época colonial eram notoriamente baixos.

Foram achados tijolos holandeses, que vieram como lastro

a bordo de navios e foram usados nas construções dos prédios. Em breve, Albuquerque e equipe deverão estar em Macapá. Se há um forte no Brasil querido pelas autoridades, estaduais e municipais, é a Fortaleza de São José de Macapá. A planta desse forte colonial está na própria bandeira do Estado do Amapá.

Uma nova guerra envolve as fortalezas históricas brasileiras. Mesmo centenárias, várias nunca dispararam um tiro con-

Escavações trazem à tona novidades históricas na fortaleza

tra um inimigo. Mas desta vez o tiroteio é com palavras e ações polêmicas de restauro e "restauro" (entre aspas mesmo). O conflito é entre diferentes concepções de preservação, restauração, pesquisa arqueológica e paisagismo. Os combatentes incluem arquitetos, arqueólogos e histo-

riadores, representantes de governos e funcionários do patrimônio histórico.

O desafio é como preservar o bem tombado e, ao mesmo tempo, tornar o monumento um bem cultural usado pela população. Mas nem sempre o que é bom para o turismo é correto em termos de preservação do patrimônio. Quatro exemplos recentes revelam o estado dessa "guerra". O Forte do Castelo ou do Presépio em Belém (PA) passou por uma polêmica restauração. O trabalho de arqueologia revelou estruturas desconhecidas da fortificação. Mas um muro do século 19 foi derrubado, deixando um portão isolado e, segundo os críticos, descaracterizando o forte.

A Secretaria Executiva de Cultura, estadual, defendeu e realizou a destruição do muro, apesar de parecer contrário de técnicos federais do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). A prefeitura foi contra. "Um muro de aproximadamente 142 anos de existência não é um muro qualquer, principalmente um muro que está inte-



Canhão do Forte Orange, localizado em Itamaracá

grado a um dos maiores patrimônios históricos de Belém e do Estado do Pará", declarou, em artigo disponível na internet, o sociólogo Aloysio Antonio Castelo Guapindaia, da Fumbel (Fundação Cultural do Município de Belém). O problema vai além disso.

Muitos canhões de valor histórico - vários muito raros - estão dispostos de modo "criminoso", segundo Adler Homero Fonseca de Castro, histo-

riador do Iphan. Foram colocados diretamente sobre a grama e com a boca para cima, assegurando o acúmulo de água e de lixo.

As obras na Fortaleza de São José de Macapá (AP) param e prosseguem de acordo com as mudanças do governo estadual. Já são três administrações estaduais que ora interrompem, ora continuam a restauração. O resultado é a paralisação ocasional das obras.

É preciso restauração

O trabalho cientificamente correto dos arqueólogos nessas duas cidades se repetiu no Forte de Orange, em Itamaracá (PE), onde foram achadas peças e estruturas raras pela equipe de Marcos Albuquerque, da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), a mais experiente do país na área.

Mas o forte precisa de restauração urgente. Há pedras das muralhas soltas por toda parte.

Restauração é o que não falta nas fortificações do litoral paulista, na Baixada Santista - caso da Fortaleza de Itaipu (Praia Grande), Forte de São Tiago ou São João da Bertioiga (Bertioiga) e Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande (Guarujá).

Em compensação, quase nada se fez de pesquisa arqueológica em São Paulo - nem passar um detector de metais. Apenas em Bertioiga se usou um geo-radar para sondar a estrutura. Dada a antiguidade do fortim, é provável que objetos interessantes.